

## Fundamentos Teórico-Práticos da Psicologia Social: um debate histórico e necessário

Theoretical and Practical Foundations of the Social Psychology:  
a necessary historical debate

Fundamentos Teórico-Práticos de la Psicología Social:  
un debate histórico y necesario

Fondements Théoriques et Pratiques de la Psychologie Sociale :  
un débat historique et nécessaire

Ruth Maria de Paula Gonçalves\*  
ruthm@secrel.com.br  
Oswaldo Hajime Yamamoto\*\*  
oswaldo.yamamoto@gmail.com

### Resumo

*Apoiados na ontologia marxiano-lukacsiana, partimos do pressuposto de que o fortalecimento da relação entre teoria e prática implica diretamente em nossa intervenção no mundo dos homens. Seguindo na contramão do teorismo subjetivista que fragiliza a apreensão do real, o objetivo do presente artigo é apresentar um breve resgate da psicologia social no Brasil. Destacamos a contribuição de Silvia Lane nessa área e no movimento que culminou com a criação da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Perscrutamos os fundamentos teóricos que vêm embasando a práxis do psicólogo social, a partir de estudos sobre as análises fragmentárias da psicologia frente à questão social. O real em movimento exige a práxis como horizonte, considerando a ineliminável relação entre subjetividade e objetividade.*

### Palavras-chave

*Psicologia Social, Teoria e Prática, Formação Humana Integral, Indivíduo, Sociedade.*

\* Pedagoga e doutora em Educação. Professora no curso de Psicologia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

\*\* Professor Titular no departamento de Psicologia e docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

Gonçalves, Ruth Maria de Paula., & Yamamoto, Oswaldo Hajime. (2015). Fundamentos Teórico-Práticos da Psicologia Social: um debate histórico e necessário. *Psicologia Política*, 15(32), 17-31.

**Abstract**

*Supported in Marxist Lukácsian ontology, we assume that the strengthening of the relationship between theory and practice directly implies our involvement in the men's world. Going against the grain of the subjectivist theoreticism that weakens the apprehension of reality, the objective of this paper is to present a brief recovery of social psychology in Brazil. We highlight the contribution of Silvia Lane in this area and the movement that culminated in the creation of the Brazilian Association of Social Psychology (ABRAPSO). We scrutinize the theoretical foundations that are basing the praxis of the social psychologist from studies on the fragmentary analyses which discuss with property fragmentary analyses of the psychology against social issues. The real on the move requires the praxis as a horizon, considering the ineliminable relationship between subjectivity and objectivity.*

**Keywords**

*Social Psychology, Practice and Theory, Integral Human Formation, Individual, Society.*

**Resumen**

*Apoyados en la ontología marxiano-lukácsiana, partimos del presupuesto de que el fortalecimiento de la relación entre teoría y práctica implica directamente en nuestra intervención en el mundo de los hombres. En la contramano del teoricismo subjetivista que fragiliza la comprensión del real, el objetivo de este artículo es presentar un breve rescate de la psicología social en Brasil. Destacamos la contribución de Silvia Lane en esa área y en el movimiento que culminó con la creación de la Asociación Brasileña de Psicología Social (ABRAPSO). Examinamos los fundamentos teóricos que vienen haciendo el embasamiento de la praxis del psicólogo social, a partir de los estudios de los análisis fragmentarios de la psicología frente a la cuestión social. El real en movimiento exige la praxis como horizonte, teniendo en cuenta la ineliminable relación entre subjetividad y objetividad.*

**Palabras clave**

*Psicología Social, Teoría y Práctica, Formación Humana Integral, Individuo, Sociedad.*

**Résumé**

*Soutenus par l'ontologie marxiste-lukácsienne, nous partons de l'hypothèse que le renforcement du rapport entre théorie et pratique implique directement dans notre intervention dans le monde des hommes. À contresens du théoricisme subjectiviste qui fragilise l'appréhension du réel, l'objet du présent article est de présenter un bref historique de la psychologie sociale au Brésil. Nous soulignons la contribution de Silvia Lane dans ce domaine et dans le mouvement qui a mené à la création de l'Association Brésilienne de Psychologie Sociale (ABRAPSO). Nous scrutons les fondements théoriques qui viennent appuyer la praxis du psychologue social, à partir d'études sur les analyses fragmentaires de la psychologie face à la question sociale. Le réel en mouvement exige la praxis pour horizon, en fonction de l'incontournable rapport entre la subjectivité et l'objectivité.*

**Mots clés**

*Psychologie Sociale, Théorie et Pratique, Formation Humaine Intégrale, Individu, Société.*

## Introdução

Neste texto, partimos do pressuposto de que o fortalecimento da adequada relação entre teoria e prática tem implicações diretas na consolidação de nossa análise e intervenção no mundo dos homens. Aqui reside a vinculação, *in nuce*, deste manuscrito com a Psicologia Política: a repercussão objetiva da atividade psicológica na sociedade. Reconhecemos com (Silva, 2012) que a Psicologia Política não é um mero processo de politização de práticas psi, uma vez que constitui um campo interdisciplinar de conhecimento, no qual interagem, as produções voltadas, primordialmente, para a Política e a Psicologia. Nesse sentido, as proposições de Silvia Lane encontram-se aí situadas, uma vez que defende uma Psicologia Social a serviço da emancipação, decorrente de uma práxis crítica e criadora. A noção de práxis é considerada como o resultado da relação entre teoria e prática que se dá a partir de um movimento dialético, no qual a possibilidade de transformação do que está posto, exige a reflexão teórica (Lima, 2009).

Com efeito, consideramos que qualquer forma de compreensão verdadeira de uma ciência exige que nos apropriemos do contexto em que esta nasce e se desenvolve, tendo como corolário a questão social posta pelo homem em sua *démarche* histórica. Oriunda do antagonismo entre capital e trabalho e do pauperismo dele decorrente, a questão social é manifesta no conflito de classes (Netto, 2001; Pimentel, 2007).

Inicialmente, apresentamos um breve resgate da psicologia social no Brasil, destacando a contribuição de Silvia Lane na consolidação dessa área da ciência psicológica, especialmente o movimento que culminou com a criação da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Adotamos a perspectiva laneana para falar da psicologia social no Brasil, considerando que sua prática alinhada ao marxismo foi de grande importância para o desenvolvimento de uma psicologia social com vistas à emancipação humana (Sawaia, 2007). Nesse sentido, Silva (2012) assinala que, da busca insistente de Lane em construir uma práxis, com vistas a um 'fazer psi' que rompesse com a ideia de neutralidade, nasce uma psicologia social politicamente engajada. Desse modo, Lane conclamava cada área da ciência psicológica a assumir a natureza histórico-social do humano, daí seu notável esforço em difundir no Brasil a Psicologia Histórico-Cultural em seu berço marxista. Junto aos estudos de Lane, reconhecemos que as formulações de Andery (1980), Botomé (1981), Campos (1983), Patto (1984, 1986), Góis (1984), entre outros, configuravam uma contraposição à psicologia vigente nos anos de 1970 e 1980, como reconhecem Yamamoto (1987), Silva (2012) e Lacerda Jr. (2013).

Em seguida, discutimos a relação entre teoria, prática e formação humana integral. Por fim, nos debruçamos sobre os fundamentos teóricos que iluminaram a práxis do psicólogo social, ao longo de 30 anos da criação da ABRAPSO, a partir do exame de um conjunto de estudiosos que discutem tanto polaridades, cisões e fragmentação, assim como na pluralidade, presentes na psicologia social no Brasil em sua marcha histórica diante da questão social.

## Breve Histórico da Psicologia Social no Brasil: as contribuições de Silvia Lane

Como ponto de partida, tomamos assento ao lado de Lane (1994), quando a autora assinala que toda a psicologia é social, no entanto, isso não significa dizer que as áreas específicas da psicologia sejam engolfadas, ou seja, reduzidas à psicologia social, mas temos a clareza de

que “[...] não se pode conhecer qualquer comportamento humano isolando-o ou fragmentando-o, como se este existisse em si e por si.” (Lane, 1994:19).

Lane (1994) reconhece que uma ciência que analisa os mecanismos sociais busca sempre desafiar os sistemas sociais tradicionais em vigor, tendendo por isso, a desenvolver-se em épocas ou meios de grande efervescência.

O advento da psicologia social nos Estados Unidos ocorreu no período do pós-guerra. No Brasil, bem como na América Latina em geral, sua chegada foi demarcada por um período de rupturas. O desenvolvimento da psicologia social em nosso país passou por grandes transformações, sendo esta, produto de um conjunto de determinações históricas, as quais culminaram na organização de ideias que fundamentaram e possibilitaram seu estudo científico e sistemático, além do seu desdobramento até os dias de hoje.

O que deflagrou a sistematização do estudo de fenômenos psicossociais foi o contexto histórico e social vivido após a Primeira Guerra Mundial, o qual impulsionou a necessidade de compreender as crises presentes para permitir a reconstrução e preservação das sociedades, além de criar ou alterar atitudes a fim de garantir e aumentar a produtividade do grupo. Dessa forma, surgiram estudos sobre liderança, opinião pública, comunicação, relações grupais, atitude, entre outros (Lane, 1994).

Como assevera Lane (1994), durante a década de 1950, os estudos vinculavam-se a duas tendências principais: uma com o viés pragmático dos Estados Unidos, que alcançou seu auge a partir da Segunda Guerra Mundial. Por meio de pesquisas experimentais, buscavam consolidar procedimentos e técnicas de intervenção nas relações sociais, visando garantir uma boa qualidade de vida aos homens, permeada pela produtividade do grupo. Para tanto, tomavam como referência os temas pesquisados no período anteriormente destacado. A outra tendência possuía influências da tradição filosófica europeia, com inclinações fenomenológicas e buscava modelos científicos totalizantes na tentativa de impedir novos desastres mundiais.

De acordo com Lane (1994), a intenção da psicologia social norte-americana, naquele período, era procurar fórmulas de ajustamento e adequação de comportamentos individuais ao contexto social. Entretanto, a partir da década de 1960, na Europa – principalmente na França –, surgiram críticas mais incisivas a esse modelo de conhecimento psicossocial, denunciando uma ciência ideológica afastada dos problemas sociais, cujas teorias não eram capazes de explicar as novas demandas postas pela sociedade (Ferreira, 2010; Lacerda Jr., 2013; Yamamoto, 1987).

Apoiados em Lane (1994), evidenciamos que o Brasil, assim como praticamente toda a América Latina, importava metodologias e teorias da psicologia social norte-americana (Ferreira, 2010), aplicando e adaptando seu *corpus* teórico-prático, em maior ou menor grau, às condições próprias de cada país. Segundo Bernardes (1998), a influência norte-americana se concretizava principalmente através dos cursos de formação em psicologia social no Brasil, ministrados por professores e cientistas que iam fazer especializações nos centros de estudos norte-americanos ou que convidavam professores universitários, oriundos desses centros de formação, para atividades científicas no Brasil.

Por volta do final da década de 1970, alguns psicólogos sociais latino-americanos desencadearam o período que ficou conhecido como “a crise da psicologia social” ou “a crise da referência”, em que se procurava um campo de ação próprio à realidade de cada país, além de se buscar novos caminhos metodológicos para pesquisas que refletissem relevância ou

aplicabilidade em seus respectivos contextos sociais. Vale ressaltar que as ditaduras militares e a exploração vivida pelo povo latino americano impulsionaram questionamentos sobre a práxis da psicologia social.

A “crise da psicologia social” foi denunciada no Congresso Interamericano de Psicologia, realizado em Miami, EUA, em 1976, com psicólogos sociais de vários países latino-americanos, formulando críticas mais sistematizadas e algumas propostas. No congresso seguinte, realizado em 1979, em Lima, Peru, configura-se um novo quadro com propostas concretas de uma psicologia social com bases materialista-históricas e voltadas para as condições próprias de cada país (Lane, 1994).

Na década de 1960, foi fundada a Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO) (Bernardes, 1998). Muitos psicólogos sociais experimentais, como Aroldo Rodrigues, buscaram consolidar as atividades da ALAPSO, tomando a psicologia social norte-americana como referencial primeiro. Por outro lado, em toda a América Latina, iniciava-se um movimento antagônico à ALAPSO e várias associações começaram a surgir, identificadas com a nova proposta de psicologia social, como na Venezuela, onde foi criada a Associação Venezuelana de Psicologia Social (AVEPSO), e no Brasil, com a ABRAPSO.

Bernardes (1998) afirma que a criação da ABRAPSO<sup>1</sup> ocorreu em 1980 a partir da mobilização de alguns pesquisadores, dentre eles Sílvia Lane e Marília Andrade. O rompimento com a psicologia social norte-americana está evidenciado na obra marco “Psicologia social: o homem em movimento”, organizada por Lane e Codo, publicada em 1984. Com efeito, no Brasil, teóricos perfilados à psicologia sócio-histórica buscaram construir uma nova concepção de psicologia social.

A criação da ABRAPSO abre uma vertente da psicologia social no Brasil, cujas pesquisas se voltam para o debate sobre problemas sociais, econômicos e políticos. Silva (2012) reconhece que a Psicologia Política Brasileira foi gestada, em certa medida, em paralelo com a Psicologia Social, uma vez que, estudiosos comprometidos com a criação da (ABRAPSO) durante os anos de 1980, contribuíram para a produção de uma Psicologia Política com um viés psicossocial. O autor assevera que Sílvia Lane influenciou, sobremaneira, o processo de politização da ação do psicólogo. Ao fazer um resgate histórico da psicologia social abrapiana, Molon (2001) destaca a década de 1980 como um período de perspectivas e confrontos. De um lado, uma proposta que via a psicologia social como uma ciência básica, neutra, voltada para a descoberta de relações estáveis em meio a variáveis psicossociais, a partir dos quais, o tecnólogo social poderia solucionar problemas sociais, não de forma improvisada, mas consciente. De outro, uma proposta que se perfilava a uma psicologia social cuja prática deveria ser constantemente revisada, dado o movimento histórico e social, uma vez que teoria e prática caminham juntas. Nesse sentido, a subjetividade deveria ser reconhecida, sendo o indivíduo, não um produto de si mesmo, mas situado social e historicamente.

Molon (2001) cita Lane e Sawaia (1998) assinalando que as autoras reconhecem a indissociabilidade desses dois processos quando se trata da consolidação de uma psicologia social crítica, referendada pelo materialismo histórico, “[...] sendo a função social e o compromisso político, condição *sine qua non*” (Molon, 2001:57), pois toda atividade é política, até mesmo a ciência, em especial as ciências humanas. Com efeito, Lane foi

<sup>1</sup> A primeira diretoria nacional da ABRAPSO foi composta por um colegiado: Marília Andrade, Sílvia Lane, Roberto Maluf, Brônia Liebesny e Wanderley Codo (Andery, 2006).

Fundadora Emérita da Sociedade Brasileira de Psicologia Política ao lado de Maritza Montero, Leoncio Camino e de Salvador Sandoval (Silva, 2012). Dessa forma, psicólogos sociais brasileiros, passaram a produzir conhecimentos científicos com raízes na realidade brasileira. Contextualizada histórica e culturalmente em valores e rituais próprios, estudiosos brasileiros e latino-americanos, que compunham essa perspectiva não sentiam mais a necessidade de “importar” teorias e métodos cientificistas, estabelecendo assim uma nova visão de psicologia social, sob uma perspectiva sócio-histórica. Como ilustração, assinalamos com Sarriera, Freitas e Scarparo (2003) que a prática da psicologia comunitária no Brasil, em meados dos anos 1960 e na década posterior, constitui um reflexo direto dos contextos social, político e econômico vigentes no país, demonstrando características distintivas da psicologia comunitária (*community psychology*) já existentes na Europa e nos Estados Unidos.

Com isso, as temáticas relacionadas às práticas psicossociais se ampliaram em meados de 1980, dirigindo-se a problemas sociais diversos, intervindo em uma multiplicidade de contextos e a partir de diversas dinâmicas comunitárias. Com efeito, ao levantar problemas pertinentes aos caminhos da psicologia social, já nos anos de 1980, Silvia Lane discutiu temas que pela sua relevância social e científica permanecem sendo objeto de pesquisa nos dias atuais. Vejamos os seguintes questionamentos:

Em que condições o homem poderia ser sujeito de sua história? Será que a psicologia social não estaria se atendo a “objetos” aparentes, dissimuladores de uma realidade concreta? Quais os comportamentos sociais fundamentais para se compreender o indivíduo como agente histórico? Qual o elo fundamental entre o indivíduo e a sociedade a que ele pertence? Por que o psicólogo social não estudava profundamente a questão da linguagem? Seria o homem um simples produto social? E a sua individualidade, sua personalidade? Linguagem, grupos, história: a individual e a social, são os aspectos fundamentais a serem estudados, mas como? De onde partir? Que situações são relevantes para serem estudadas? (Lane, 1980:67-71).

Segundo Molon (2001), os anos de 1990 para a psicologia social abrapiana foram marcados pela pluralidade e diferenciação de enfoques teórico-metodológicos. Tal fato já se observava no final da década de 1980, quando o predomínio da ontologia marxiana na análise e compreensão dos fenômenos psicossociais concentrava-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e nas universidades federais do Pará e da Paraíba. Molon (2001) reconhece que: “Entretanto, nem a perspectiva marxista é unânime nem exclusiva das elaborações teóricas de Marx e de Engels, pois tanto a psicologia social, neste enfoque, quanto a ABRAPSO, caracterizavam-se por abrigar a diversidade e multiplicidade de enfoques teórico-metodológicos, visando o conhecimento do homem histórico e social em uma postura crítica.” (Molon, 2001: 60).

Examinando as novas incursões da psicologia social, as novas veredas – conforme denominaram Lane e Sawaia (2006) –, Lane (2006) reconhece que não estamos solitários diante das preocupações decorrentes do movimento do real. Aflitos como nós também estão os psicólogos sociais da América Latina diante da constatação das inúmeras contradições do mundo dos homens contemporâneos: de um lado o individualismo, o consumismo sem limites, o extraordinário avanço de natureza científica e tecnológica; de outro, a reprodução da miséria em níveis alarmantes e a degenerescência política que atinge a população latino-americana em larga escala.

Na mesma obra a que nos referimos no parágrafo anterior, no artigo em que discute a mediação emocional na constituição do psiquismo humano, Lane (2006) abre um subitem intitulado “perspectivas”, afirmando que a psicologia dialética considera o ser humano como um todo, no qual o físico e o psíquico constituem uma unidade. Resguardando a perspectiva da historicidade do homem, a autora reconhece que “[...] um ser humano só pode ser conhecido depois de seu contexto histórico e social do qual ele é produto e produtor.” (Lane, 2006:60). Tal fato nos possibilita a estudar o homem com um ser em movimento. E prossegue considerando que só chegamos ao conhecimento científico desse processo se o captarmos em seu movimento dialético. O método de apreensão do real, tal como pensou Marx, se faz presente nos estudos de Lane, em seu percurso de pesquisadora, assim como o método em psicologia, tal como pensou Vigotski.

Concluindo, em linhas breves, o resgate histórico da ABRAPSO, conforme consta em nota de sua Assessoria de Comunicação, o XVI Encontro Nacional de Psicologia Social marcou os 30 anos da associação e contou com momentos de intensa emoção durante a mesa de abertura, na qual Guareschi proferiu palestra intitulada “ABRAPSO 30 anos, história e carisma”, destacando três aspectos cruciais: a mudança, o resgate do saber popular na pesquisa e a solidariedade.

Diante das transformações no quadro teórico e ideopolítico aqui esboçado, reconhecemos junto com (Silva, 2012; Bock, 2007) que Silvia Lane, em seus múltiplos sentidos do “fazer psi”, consubstancia uma nova Psicologia Social, ao mesmo tempo, uma linha de pensar e agir no campo da Psicologia Política. Tal práxis volta-se para o trabalho coletivo, a consciência crítica e a atenção terminantemente orientadas pelas necessidades da população, o que consubstancia uma trajetória profissional que fez de Lane uma das mais importantes influências no desenvolvimento de uma psicologia preocupada com o compromisso social.

Ao apoiar-se na perspectiva laneana para orientar seus estudos sobre psicologia e processo grupal, Martins (2007) assegura que Silvia Lane busca demarcar a coerência entre o fazer, o pensar e o sentir nas reflexões sobre psicologia social, reconhecendo que o materialismo histórico dialético permeia seus escritos, entre os quais destaca: “Uma redefinição da psicologia social” (1980), publicado na revista “Educação e Sociedade”, o livro “O que é psicologia social?” (1981), evidenciando em seguida o artigo “A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia”, no livro “Psicologia social: o homem em movimento”, publicado em 1984, o qual permanece como uma referência utilizada até hoje, citando, por fim: “Arqueologia das emoções”.

Lane apresenta no primeiro escrito acima referido, as bases para a construção de uma psicologia social crítica no Brasil, conforme avaliação de Martins (2007). Prossegue assinalando que a autora reafirma que caberia à psicologia social recuperar o indivíduo na interseção de sua história com a história de sua sociedade e apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história. Martins (2007) explica que na obra “Arqueologia das emoções”, Silvia Lane retoma os principais pressupostos teórico-metodológicos presentes na sua produção desde os anos 1980, reafirmando sua filiação à abordagem da psicologia com base no materialismo histórico e dialético. No decorrer das décadas de 1980 e 1990, de acordo com Martins (2007), Lane passa a utilizar as contribuições da psicologia histórico-cultural, além dos estudos de Henry Wallon e Martín-Baró.

## **A Relação Entre Teoria e Prática e a Formação Humana Integral**

Na trilha seguida por Lane para uma nova perspectiva de homem na psicologia, nos remetemos à questão da formação humana integral, apoiados na ontologia marxiana, uma vez que Marx propõe uma articulação entre objetividade-subjetividade, interiorização-exteriorização, materialidade-espiritualidade, não pela sobreposição de um processo sobre outro, mas através da determinação recíproca entre tais processos, tão cara à psicologia social diante de tal fragmentação do humano. A articulação correta, absolutamente nova entre sujeito e objeto na perspectiva da formação humana, como afirma Tonet (2007), é defendida por Lukács (1978) ao recuperar o legado marxiano, rompendo com todas as outras concepções devedoras do caráter integral da formação do homem e do trabalho como protoforma da atividade humana.

Através da relação homem-natureza, baseada em uma determinação recíproca via trabalho, é que se constitui a práxis. Assim, o homem se hominiza e se humaniza; ao exteriorizar-se/objetivar-se no que produz, ocorre sua subjetivação. A concepção de formação humana tem variado tanto histórica quanto socialmente, uma vez que os próprios homens constroem, dentro de condições objetivas, a sua história, como explica Marx (1985).

Nesse sentido, o capitalismo instaura uma inversão na relação entre trabalho e cultura, sendo o trabalho considerado atividade principal; no entanto, não como atividade pela qual o homem se exterioriza/interioriza via práxis, mas como reconhece Tonet (2007), como “[...] simples meio de produzir mercadorias e, especialmente, a mercadoria das mercadorias, que é o dinheiro” (Tonet, 2007:2), justificando a redução do trabalho como ato-gênese do homem. O capital em crise estrutural, ora candente, tem acarretado enormes prejuízos à formação humana, uma vez que de maneira agudizada, ainda mais desumana do que nas suas crises cíclicas, como atesta Mészáros (2000), atinge todos os complexos sociais, forçosamente tentando driblar uma situação desesperadora para seu sistema metabólico.

No que se refere à formação humana integral, Bock (2009), posicionando-se para além da inadequada relação entre teoria-prática, individual-social, subjetividade-objetividade – evidenciada pela autora em teorias psicológicas –, utiliza a figura do Barão de Münchhausen, presente nas histórias infantis alemãs, para expor seus argumentos. Nelas, o barão após ter caído com seu cavalo num pântano, consegue a façanha de sair, puxando seus próprios cabelos. Nesse sentido, Bock (2009) se opõe a perspectivas subjetivistas que concebem o homem como um sujeito que possui em si mesmo uma força motriz que o movimenta para o destino de seu desenvolvimento.

## **Fundamentos Teórico-Práticos da Psicologia Social no Brasil: um debate necessário diante da questão social**

A busca pelo fortalecimento de atividades teórico-práticas nesta área da ciência psicológica segue diante das exigências sofridas pelo homem na sociabilidade contemporânea, as quais configuram rebatimentos da crise estrutural do capital na fragmentação da subjetividade, oriunda do curso das impossibilidades de objetivações humano-genéricas. De acordo com Carmo (2004), o antagonismo entre trabalho e capital provoca fissuras na constituição do humano, uma vez que a lógica do capital em seu metabolismo impede o desenvolvimento pleno de suas funções psíquicas.



A psicologia social – assim como as demais ciências, em especial, as ciências humano-sociais – tem enfrentado dificuldades objetivas quanto à sua constituição, como perspectivas de contraponto às mazelas engendradas pelo próprio homem no contexto das relações sociais de exploração entre classes. No que se refere a questões teórico-metodológicas na história da psicologia, as quais repercutem no desenvolvimento da psicologia social no Brasil, Albuquerque e Arendt (2003) destacam duas linhas antagônicas, uma que “[...] se dirige ao indivíduo, a seu corpo, ao seu *hardware*, e outra linha que se dirige ao comportamento do indivíduo como ser social, político, relacional.” (Albuquerque e Arendt, 2003:186). Tal antagonismo reflete na prática acadêmica brasileira, como identificam os autores, atestando que os estudos sobre psicologia social experimental, de influência norte-americana, dotados de neutralidade e pretensa universalidade, distanciam-se de forma flagrante de estudos voltados para a transformação social, nos quais são realizadas intervenções comunitárias.

No centro desse distanciamento, de um lado os representantes da ciência tradicional são chamados de intelectuais sem prática e de outro, contestam seus opositores, ao considerarem que suas intervenções são ideologicamente contaminadas, criticando suas posturas militantes, concluindo que estas não contribuem para atender aos problemas teóricos colocados pela psicologia social.

Albuquerque e Arendt (2003) referem-se a Bruno Latour (1999) que em seus estudos sobre ecologia política assevera que não existe a “ciência”, mas ciências, assim como não existe “capitalismo”, o “Ocidente”, a “racionalização do ser”. Contudo, questionam o que de fato existiria e o que poderiam fazer os cientistas, políticos e psicólogos sociais.

Arendt (2003) traz para a psicologia social um debate sobre o antagonismo existente entre construtivismo e construcionismo social, reconhecendo que ambos os movimentos teóricos, passíveis de serem classificados como pós-modernos, caminham em direções opostas: um para o “sociologismo”, outro para o “psicologismo”. O autor questiona as possíveis contribuições do arcabouço conceitual pós-moderno para a psicologia, em particular a psicologia social, argumentando a favor de um não reducionismo do psicológico ao social ou do social ao psicológico.

Para caracterizar o construcionismo, Arendt (2003) apoia-se no volume editado por Tolman e col. (1996), que traz as discussões da VI Conferência Bienal da Sociedade Internacional de Psicologia Teórica, realizada no Canadá, em 1995. O autor apresenta dados referentes à sessão inicial do evento, no qual John Shotter, da Universidade de New Hampshire e Kenneth Gergen, do *Swathmore College* – considerados pelo autor como dois dos nomes mais representativos do construcionismo – discutem questões teóricas contemporâneas da psicologia, acrescidas de comentários de Leon Rappoport, da *Kansas State University*, e Leandert Mos, da Universidade de Alberta.

Na caracterização do construtivismo, Arendt (2003) não se reporta à obra piagetiana, considerada pelo autor como um clássico sobre os processos cognitivos, destacando, no entanto, a hipótese central dos estudos do psicólogo suíço, de que não existem estruturas cognitivas inatas, mas construídas pelo sujeito na interação com o meio. Contudo, reconhecendo a obra piagetiana como de domínio público, a autora elege como objetivo para efeito do artigo em tela, introduzir o construtivismo a partir do pensamento do psicólogo alemão Ernst Von Glasersfeld, professor da Universidade de Massachusetts.

Ao examinar a dimensão individual e a social, nas abordagens construtivista e construcionista, Arendt (2003) conclui que o construcionismo tende para o sociologismo,

enquanto o construtivismo tende para o psicologismo e defende que: “Frente às ‘fundamentalizações’ reducionistas das correntes a favor do individual ou do social, surgem brechas: uma psicologia social psicológica poderia se dar nas alternativas que poderíamos construir enquanto individualidades soberanas, enfrentando um meio social que tende a se impor como rede de formatação da subjetividade.” (Arendt, 2003:12).

Seguindo discussão semelhante, Spink (2003) traz à tona dicotomias presentes nas bases do conhecimento científico, tais como a contraposição entre realismo e construcionismo, argumentando a favor da subversão à ordem dicotômica que orienta o realismo e o chamado conhecimento legítimo. Nesse sentido, estabelece um diálogo com Thomaz Ibañez (2001), Ian Hacking (2001), Donna Haraway (1991)<sup>2</sup> e com a *Actor network theory*, de John Law e col. (1999).

Spink (2003) inicia o texto questionando: por que tomar uma posição como realistas ou construcionistas? Por que psicólogos e psicólogos sociais deveriam entrar na complicada arena da ontologia para falar da postura epistemológica defendida? E prossegue indagando: “[...] quem no diálogo com a psicologia social nessa pós-modernidade aí se posiciona e com que autoridade?” (Spink, 2003:1). Em um debate instigante com os autores em foco, Spink (2003) conclui o texto perguntando sobre quais as implicações metodológicas ao assumirmos que existem múltiplas histórias a serem contadas, uma vez que, estas dizem respeito a realidades múltiplas.

Conforme assinala Costa (2004), como corolário da crise estrutural do capital, temos uma miríade de ideários que prestam serviço à descaracterização da práxis nas ciências humanas, a nosso ver, podendo dessa forma, atingir a psicologia social em sua práxis. Apontamos supostos elementos que circunscrevem o ideário pós-moderno (Frigotto, 1998; Chauí, 1993) no que se refere à apreensão e intervenção do/no real, quais sejam: apologia ao subjetivismo, a inadequada relação entre objetividade-subjetividade, a regência da consciência como determinação onto-histórica da existência humana, a ênfase em análises localizacionistas, cujo assento na singularidade e na particularidade perdem de vista o horizonte da totalidade, do mesmo modo da universalidade como eixos norteadores do percurso teórico-metodológico demandados pela compreensão ontológica do ser social.

Nesse sentido, Yamamoto (1987) assinala que a chamada “psicologia autônoma”, assim como “[...] os pressupostos das diferentes ‘escolas e sistemas’ que materializam a psicologia enquanto modo de conceber o real” (Yamamoto, 1987:28) foram engendrados no seio da sociedade capitalista. Sobre o modo de apreensão do real, Lane (1994) argumenta que o materialismo histórico nos possibilita a reconstrução de um conhecimento com vistas a “[...] uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo – objeto da psicologia social” (Lane, 1994:16).

Com efeito, o eco da pós-modernidade ressoa nos fundamentos teórico-práticos das ciências humanas nos tempos atuais, como atesta Tonet (2007). No cerne de seu ideário, como assevera Lacerda Jr. (2013) tomando por base (Eagleton, 1999), estão o fragmentário, o imediato e móvel como base da centralidade, a apologia ao presente em desconexão com o passado e o futuro, além do combate a noções como essência, verdade e classes sociais.

<sup>2</sup> As obras aqui citadas são, respectivamente: “*La realidad no existe: algunas consideraciones epistemológicas y ontológicas a partir de la extraña realidad cuántica*”; “*Que pasa con las ciencias naturales?*”; e “*A cyborg manifesto: science, technology and socialist – feminism in the late twentieth century*”.

Nesse sentido, questionamos em que medida as bases materiais da produção humana nas funções psicológicas superiores, tão caras à constituição do ser social podem ser identificadas nas produções nessa área da ciência psicológica ou se, de forma inversa, vêm atribuindo à consciência, como rainha absoluta, a regência e determinação da existência. Ademais, se em nome do pluralismo, da ilusão de que não há hierarquia no conhecimento, podemos assinalar que há um fortalecimento de categorias esparsas, isoladas da totalidade. Tal forma de apreender o real medeia os chamados “novos movimentos sociais”, podendo interferir na práxis da psicologia social, mais precisamente em seus elementos centrais. Gonçalves, Araújo e Cabó (2009) citam Gohn, na descrição de características dos “novos movimentos sociais”, quando a autora assinala que “[...] em vez de privilegiarem as lutas de classe, os NMS dizem mais respeito a conflitos entre atores e sociedade.” (Gonçalves, Araújo & Cabó, 2009:142).

Sobre o modo de apreensão do real em movimento, Lane (2006) assinala que, no contexto da sociedade capitalista, as contradições sociais são encobertas pelo denso véu da ideologia, “[...] justificando a opressão e a exploração de seres humanos como naturais e necessárias” (Lane, 2006:62), buscando de todo modo a reprodução do capital e as relações de poder.

## Notas Conclusivas

Asseveramos que a psicologia social está criando suas raízes, em meio a fluxos e influxos e se fortalecendo enquanto prática no Brasil. Assim como fez Bomfim (2009), ao trazer dados sobre a história dos 10 anos<sup>3</sup> da ABRAPSO, Zanella (2009) nos dá uma mostra desse percurso, ao fazer uma análise das atividades desenvolvidas pela ABRAPSO em seus 15 anos de luta, destacando como ponto central das discussões, a reflexão crítica da realidade e a construção de práticas comprometidas com o momento histórico e social, tendo em vista a transformação do real, a partir do movimento do conjunto dos homens. Para tanto, o esforço teórico-metodológico tem sido, segundo a autora, no sentido de superar paradigmas que se caracterizam pelas dualidades subjetividade-objetividade, indivíduo-sociedade as quais permeiam historicamente a psicologia social e a própria psicologia de um modo geral.

Segundo Zanella (2009), objetivando superar essas dualidades, a Abrapso tem partido de uma compreensão de homem como sujeito constituído por determinações múltiplas, tal como defende Silvia Lane: o homem social e historicamente mediado, socialmente constituído, ao mesmo tempo produtor desse social. Zanella (2009) prossegue reafirmando o compromisso que tem orientado as atividades da Abrapso durante os 15 anos de sua existência: o da construção de uma psicologia social crítica. Nesse sentido, as reflexões e produções se caracterizam por temáticas contemporâneas cuja discussão tem um amplo raio de ação, por exemplo, o resgate da cidadania, a melhoria de vida da população, a dimensão social do indivíduo e da subjetividade, compreendida na perspectiva da objetividade.

Na busca pelo aprimoramento da produção do conhecimento científico na área de psicologia social, a Abrapso organizou, segundo Asbahr (2002), um Encontro de Psicologia Social Comunitária realizado em agosto de 2001 na Universidade Estadual Paulista (UNESP-

---

<sup>3</sup> Elizabeth Bomfim (2009), em seu texto sobre os 10 anos ABRAPSO, traz informações caras à história da associação, os desafios enfrentados, a resistência e as vitórias alcançadas, ressaltando a força do trabalho coletivo como forma de atingir os objetivos propostos.

Bauru/SP), cujo tema central era: “Método materialista histórico dialético”. Conforme Asbahr (2002), o núcleo local da Abrapso elegeu como objetivos desse evento:

[...] analisar a atualidade da teoria marxiana na sociedade contemporânea; refletir sobre o método materialista histórico dialético e a correspondente metodologia de pesquisa em psicologia; criar espaço para o debate sobre a psicologia social comunitária no mundo contemporâneo; discutir as possibilidades de atuação do psicólogo envolvido com a comunidade; e possibilitar o relato de experiências dos profissionais de psicologia que utilizam o método materialista histórico dialético. (Asbahr, 2002:76)

Demarcando a comemoração dos 30 anos de criação da Abrapso, foi realizado o XVI Encontro Nacional da associação, no Recife, entre os dias 12 e 15 de novembro de 2011, no *campus* da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Segundo dados de seu boletim informativo quadrimestral nº 02/2011 (maio-agosto), a direção nacional, no segundo quadrimestre de 2011, dedicou-se especialmente a este evento, dada a vasta programação e a grande quantidade de trabalhos inscritos, a fim de que as diferentes modalidades de apresentação dos trabalhos acadêmicos pudessem ocorrer de acordo com a riqueza das temáticas e do rigor teórico-metodológico nelas empreendido.

Diante do que expomos até aqui, ainda que de forma embrionária, questionamos: em que medida as categorias atividade, consciência, linguagem e identidade/personalidade, cunhadas na abordagem leaneana, têm permeado os estudos de psicologia social em seu percurso histórico? Qual a centralidade da categoria trabalho (base marxista) como ato-gênese do ser social nas pesquisas em psicologia social? A exemplo da nova história, da universidade nova, dos novos movimentos sociais, em que medida nos deparamos com uma “nova” psicologia social, sinalizando uma reedição da tendência norte-americana, do ideário do pragmatismo e/ou do pensamento pós-moderno na psicologia social? Nesse sentido, consideramos que estudo algum sobre os fundamentos da psicologia social no Brasil pode prescindir de contemplar questões como estas que formulamos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, Francisco J. B., & Arendt, Ronaldo. (2003). A psicologia social e o Brasil. Em Oswaldo H. Yamamoto., & Valdiney Gouveia. (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica* (pp. 185-212). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Andery, Alberto A. (2006). Sobre a fundação da ABRAPSO e suas primeiras publicações: um relato pessoal. *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 113-115.
- Arendt, Ronaldo J. J. (2003). Construtivismo ou construcionismo?: contribuições deste debate para a psicologia social. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 5-13.
- Asbhar, Flavia. (2002). Psicologia social e marxismo. *Revista Teórica, Política e de Informação*, (65), 76-79. Acessado em: 13 de janeiro de 2012, de: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_50\\_167.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_50_167.pdf)>.
- Bernardes, Jefferson S. (1998). História. Em Marlene Neves Strey. *Psicologia social contemporânea* (pp. 19-35). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bock, Ana M. B. (2009). *Psicologia e o compromisso social*. São Paulo: Cortez.
- Bomfim, Elizabeth M. (2009). Da ideia de criação à realidade: 10 anos de ABRAPSO. *Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO)*, ago. 2009. Acessado em: 15 de janeiro de 2012, de: <<http://www.abrapso.org.br>>.
- Carmo, Maurilene do. (2004). Psicologia, inteligência e a contradição capital-trabalho. Em Susana V. Jimenez., & Jackline Rabelo. (Orgs.), *Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da história* (pp. 93-102). Fortaleza: Brasil Tropical.
- Chauí, Marilena. (1993). A universidade diante da vocação científica e da vocação política. *Revista de Educação Brasileira*, 15(31), 115-134.
- Costa, Frederico. (2004). Elementos de compreensão do pensamento pós-moderno: o irracionalismo como subproduto da crise do capital. Em Susana V. Jimenez., & Jackline Rabelo. (Orgs.), *Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da história* (pp. 65-80). Fortaleza: Brasil Tropical.
- Ferreira, Maria C. (2010). A psicologia social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(especial), 51-64.
- Frigotto, Gaudêncio. (1998). Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. Em Gaudêncio Frigotto. *Educação e crise do trabalho: perspectivas do final de século* (pp. 25-54). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gonçalves, Ruth Maria de Paula., Araújo, Adele Cristina Braga., & Cabó, José Leonardo Freire. (2009). Movimentos sociais no contexto da crise estrutural do capital. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, 1, 138-148. Acessado em: 12 de janeiro de 2012, de: <<http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/ruthleoadele.pdf>>.
- Lacerda Jr., Fernando. (2010). *Psicologia para fazer a crítica: apologética, individualismo e marxismo em alguns projetos psi*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- Lacerda Jr., Fernando. (2013). Capitalismo dependente e a psicologia no Brasil: das alternativas à psicologia crítica. *Teoría y crítica de la psicología*, 3, 216-263.
- Lane, Sílvia Tatiana Maurer. (1980). Apresentação (pp. 67-71). *Anais do I Encontro Brasileiro de Psicologia Social*. São Paulo: ABRAPSO.

- Lane, Sílvia Tatiana Maurer. (1994). Psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. Em Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 10-19). São Paulo: Brasiliense.
- Lane, Sílvia Tatiana Maurer. (2006). Avanços da psicologia social na América Latina (67-81). Em Sílvia Tatiana Maurer Lane., & Bader Burihan Sawaia. (Orgs.), *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Lane, Sílvia Tatiana Maurer., & Sawaia, Bader Burihan. (Orgs.). (1988). *Psicologia: ciência ou política*. São Paulo: Pré Print – Educ.
- Lane, Sílvia Tatiana Maurer., & Sawaia, Bader Burihan. (Orgs.). (2006). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Leontiev, Alexis. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro.
- Lima, Aluísio Ferreira de; Ciampa, Antonio da Costa., & Almeida, Juracy Armando Mariano de. (2009). Psicologia social como psicologia política? A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. *Psicologia Política*, 9(18), 223-236.
- Lukács, Gyorgy. (1978). As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. *Temas de Ciências Humanas, São Paulo*, (4), 1-18.
- Martins, Sueli Terezinha. (2007). Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. *Psicologia e Sociedade, Porto Alegre*, 19(2), 76-82.
- Marx, Karl. (1985). *18º Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Abril Cultural.
- Mészáros, István. (2000). A crise estrutural do capital. *Revista do Instituto de Estudos Socialistas, São Paulo*, (4), 7-16.
- Molon, Susana. Inês. (2001). A psicologia social abrapiana: apontamentos críticos. *Interações, São Paulo*, 6(12), 1-29.
- Netto, José Paulo. (2001). Cinco notas a propósito da questão social. *Temporalis*, 2(3), 33-40. Brasília: ABEPS.
- Pimentel, Edilene. (2007). *Uma nova questão social? Raízes materiais e humano-sociais*. Alagoas: Edufal.
- Pinheiro, Angela., Lustosa, Patrícia., & Ximenes, Verônica. (Orgs.). (2002). *Práxis em psicologia*. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC.
- Sarriera, Jorge Castellá. (Coord.). (2010). *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina.
- Sarriera, Jorge Castellá., Freitas, Maria de Fatima Quintal., & Scarparo, Helena. (2003). Para onde caminha a psicologia (social) comunitária no Brasil: um balanço a partir dos frutos da sua trajetória. Em Oswaldo H. Yamamoto., & Valdiney Veloso Gouveia. (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica* (pp. 167-183). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sawaia, Bader Burihan. (2007). Teoria laneana: a univocidade radical aliada à dialética-materialista na criação da psicologia social-histórico-humana. *Psicologia e Sociedade*, 19(2), 81-89.
- Silva, Alessandro Soares da. (2012). A Psicologia Política no Brasil: lembranças e percursos sobre a constituição de um campo interdisciplinar. *Psicologia Política*, 12(25), 409-426.
- Spink, Mary Jane. (2003). Subvertendo algumas dicotomias instituídas pelo hábito. *Athenea Digital*, (4), 1-7. Acessado em: 10 de janeiro de 2012, de: <<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/95/95>>.

- Tolman, Charles W. [e col.] (Orgs.). (1996). *Problems of theoretical psychology*. North York; Inglaterra: Captus Press.
- Tonet, Ivo. (2007). Educação e formação humana. Em Ivo Tonet. *Educação contra o capital* (pp. 73-85). Maceió: EdUFAL.
- Vigotski, Lev. Semionovich. (1995). *Obras escogidas* (v. 3). Madrid: Visor.
- Yamamoto, Oswaldo Hajime. (1987). *A crise e as alternativas da psicologia*. São Paulo: Edicon.
- Zanella, Andrea Vieira. (2009). Os 15 anos da Abrapso: contribuições à produção e divulgação do conhecimento em psicologia. *Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO)*. ago. 2009. Acessado em: 14 de janeiro de 2012, de: <<http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Documentos/osquinzesanosdaabrapso.pdf>>.

- Recebido em 20/02/2014.
- Revisado em 17/11/2014.
- Aceito em 22/02/2015.